

Infância, Vida, Morte e Separação: *Peter Pan* na Cotidianidade

Infancy, Life, Death and Separation: Peter Pan in day-by-day

Marina Bento Gastaud¹

Resumo: A autora, a propósito do tratamento de uma menina de seis anos, examina o processo de constituição de um falso-self e os investimentos transgeracionais envolvidos na fixação desta subjetividade. Fundamentada em Winnicott, discute os modelos com potencial explicativo para a sintomatologia – angústia de castração, separação e desmantelamento, bem como aborda estratégias de tratamento.

Summary: The author, apropos of the treatment of a six years old girl, examines the process of false-self constitution and involved transgeneracionals investments in the setting of this subjectivity. Grounded in Winnicott, she discuss models with clarifying potential for the syptoms – castration anxiety, separation and dismantling (annihilation), as well as approaches treatment strategies.

Descritores: falso-self, verdadeiro-self, Winnicott, angústia de castração, angústia de separação e angústia de desmantelamento.

Keywords: false self, true self, Winnicott, anguish of castration, anguish of separation and anguish of disaggregation.

¹ Psicóloga, Aluna do *Curso de Teoria Psicanalítica e as Psicoterapias na Infância e Adolescência* do CIPT

Poucos personagens ilustram tanto o drama do crescimento quanto *Peter Pan, o menino que não queria crescer*. Criado em 1911 por James Matthew Barrie, Peter Pan nasceu na Escócia e se propagou pelo mundo através do livro *Peter Pan e Wendy*. É curioso pensar como uma estória secular pode dar conta de algo tão atual como o conflito pela passagem do tempo, principalmente pelas questões sociais e econômicas que tornam cada vez mais traumático o crescimento. Apesar de prever uma problemática contemporânea e contextualizada, Barrie recebe os méritos de ter dado vida a uma conflitiva universal e atemporal: o luto pelo abandono da infância. Peter Pan não é uma fábula; seu personagem é humano em todos os sentidos: Por dar um rosto a uma passagem crucial da vida - a transição da infância à adolescência - e pela forma extremamente afetiva e tocante como a estória é escrita. Peter Pan não é uma estória de tradição infantil como as demais, não tem a pretensão de passar uma lição de moral, não cumpre a função pedagógica de ensinar um “*bom comportamento*”. É uma criação literária fantástica de um autor que, de uma forma um tanto autobiográfica, conseguiu produzir uma tentativa de elaboração para todas as crianças, adolescentes e adultos que têm o privilégio de entrar em contato com a fantasiosa e necessária *Terra do Nunca*.

Apesar desta passagem pela Terra do Nunca ser necessária para a elaboração da fantasia da eterna infância, nota-se com maior frequência que ela vem deixando de ser um refúgio temporário para a sociedade contemporânea: Crianças e adolescentes descrevem não ver mais vantagens na vida adulta. Nunca antes este medo de crescer foi manifestado tão abertamente como na atualidade: A infância é vista cada vez mais como um território seguro, livre das preocupações, responsabilidades e fracassos típico da vida adulta. Na contramão da sexualidade precoce e da diminuição da infância em detrimento de uma adolescência cada vez mais longa, encontra-se um fenômeno curioso. Adultos que consomem produtos culturais infantis (os chamados *Kidults*) e filhos que não saem da casa dos pais (*Nesters*). O consumo adulto de *Hello Kittys*, ursinhos *Puff*, celulares decorados e desenhos animados denunciam essa resignação à passagem do tempo da sociedade atual.

Vários autores, tentando popularizar seus conhecimentos acerca deste fenômeno, falam da “*Síndrome de Peter Pan*” para englobar a gama de dificuldades de crescimento. Seu mais célebre representante é o psicólogo americano Dan Kiley, que há 20 anos escreveu um livro² sobre os homens que se recusam a crescer e a assumir o papel de provedores, preferindo a confortável posição da dependência materna. O livro rapidamente virou um *best-seller*, denunciando a pertinência do tema.

Este estudo, portanto, tem o objetivo de ilustrar a chamada “*Síndrome de Peter Pan*” a partir do fragmento de um caso clínico de uma menina, aproximando-a com teorias que justificam o desenvolvimento desta patologia na paciente.

² “*The Peter Pan Syndrome: Men Who Have Never Grown Up*”

A propósito da clínica

Maria Fernanda é uma menina de seis anos que foi trazida para tratamento pelos pais. A queixa apresentada: Ela havia parado de se desenvolver e a pediatra assinalou que a paciente não estava ganhando altura; os pais preocupavam-se por ela não conseguir deixar de usar a mamadeira e a chupeta, não conseguir dormir no próprio quarto longe dos pais e, principalmente, não ficar na escola, onde entrara havia pouco, abandonando-a definitivamente dois meses depois. No primeiro dia de aula relutou em ficar na escola, mas em seguida conformou-se e freqüentou as aulas normalmente por cerca de dois meses quando então começou a se mostrar descontente com a escola. Pedia para não ir, alegava que ficava com sono e não gostava de acordar de manhã. Chorava muito, negociava como podia para não ser levada à escola; a mãe chegou a tirar quinze dias de férias para acompanhar a filha na escola na esperança de fazer com que ela ficasse, mas não obteve resultado. A pediatra e a escola encaminharam-na para atendimento para resolver essa “*ansiedade de separação*” e “*dificuldade de crescimento*”.

Ademais, as tentativas de fazê-la largar a mamadeira e beber no copo tinham sido frustradas; ela deu repetidas vezes as mamadeiras para o Papel Noel no Natal, mas em seguida pedia outra e se dizia arrependida. Ao mesmo tempo, Maria Fernanda sentia vergonha da sua chupeta, a usava apenas quando estava em casa, sem ninguém olhando. Carregava a mamadeira e a chupeta consigo na bolsa e as mantinha escondidas das colegas na escola. Para que a menina dormisse no próprio quarto, a mãe acabou passando parte das noites dormindo no quarto com Maria Fernanda, numa bicama, alegando que a menina tinha horror de ficar sozinha. Essa tentativa também falhou e o fato é que a menina carrega seu colchão até o quarto dos pais durante a noite até hoje.

Certamente, percebe-se que essa manifestação da menina de não fazer conquistas no seu desenvolvimento é uma resposta a desejos conscientes dos pais: o pai respondeu brincando em uma das entrevistas, quando perguntado justamente se não lhes seria conveniente essa relutância da filha em se tornar independente, que ela era o “*bebê da casa*” e que estava autorizada a namorar apenas depois dos trinta anos. A menina parece estar atendendo ao pedido. Os pais moram juntos há doze anos e têm por volta de trinta anos. Filha única, sua gravidez foi planejada e desejada, segundo os pais. Optaram por não ter outro filho por questões econômicas. O pai conta que, quando deixava a filha na escola, ficava espiando na janela porque não acreditava que ela pudesse estar tão bem. Ambos relatam que Maria Fernanda sente muito ciúme da relação dos dois; senta-se no meio do casal no sofá, deita-se no meio dos dois na cama e não quer que fiquem sozinhos. Descrevem a filha como uma menina muito carinhosa e apaixonante, pois ela está sempre tentando cativá-los. Outra queixa dizia respeito ao fato da filha não ficar tranqüila quando deixada aos cuidados de outras pessoas além deles próprios. Alertaram-me desde o início para a dificuldade que seria fazê-la entrar comigo na sala para a sessão, pois ela não conseguia se separar. Quando a mãe descreve o parto da filha, fala que “*ela nasceu de cesariana porque não queria sair de perto de mim*”. A mãe tinha contrações sem dilatação e, mesmo com a tentativa de indução do parto, foi necessária a cesariana; conta que a gravidez e o parto foram tranqüilos e que seu marido esteve presente em todos os momentos, chegando a assistir a cirurgia.

Mamou no peito até os quatro meses e deixou as fraldas com pouco mais de um ano. Com quatro meses, a pediatra aconselhou que passasse a dormir no seu quarto e a menina passou a dormir sozinha com a porta aberta. Com cerca de um ano e dois meses, a família mudou-se de residência e os pais brincavam que havia um *Bicho-Papão* na casa. A menina assustou-se e voltou a dormir com os pais. Para terem relações sexuais, o casal sai do quarto e deixa a filha dormindo no quarto do casal. O pai conta que quando a menina tinha 4 anos, a mãe estava dormindo no quarto da filha e saiu depois que esta dormiu. Estavam tendo relações sexuais no quarto do casal e a menina entrou. Maria Fernanda começou a gritar e chorar muito, dizendo que não queria que o pai chegasse perto dela. Agarrou-se na mãe e gritava para que o pai saísse de perto das duas.

Cabe lembrar que Maria Fernanda é a neta mais nova de ambos os lados da família e é descrita por todos como “o bebê da casa”.

Sobre a evolução clínica

Quando a conheci chamou-me a atenção sua beleza e sua forma de se vestir, impecavelmente arrumada. Na primeira hora de jogo que tivemos, apresentei-me e ela agarrou-se na mãe que, prontamente, disse “*fica calma que eu e o teu pai vamos entrar contigo na sala*”, apesar de todas as instruções que dei para que deixassem a critério da menina esta escolha. Na sala, sentou-se no colo da mãe e permaneceu de costas para mim durante todo o horário. Os pais estavam muito ansiosos, falavam muito e insistiam para que a filha brincasse. Tive oportunidade apenas de apontar o quanto ficava difícil para ela brincar espontaneamente e tomar as próprias atitudes com tantas pessoas invadindo seu espaço, ao que ela levantou a cabeça e respondeu com um sorriso. Já na segunda entrevista, que considerei a primeira hora de jogo, entrou comigo sozinha na sala. Havia trazido na bolsa uma “*Amoeba*”, uma espécie de “*geleca*” com que as crianças brincam. Pediu que eu segurasse a *geleca* numa ponta enquanto ela seguraria na outra. Ela disse “*Vai indo para trás que tu vais ver ela crescendo....*”, e eu obedeci. “*Agora pára!*”, diz, “*porque se ela crescer demais, ela arreventa!*”.

Apesar da dúvida entre aceitar a menina como paciente individual ou encaminhar a família para atendimento vincular, percebi naquele momento que ela cumpria os requisitos exigidos para o atendimento infantil: *Motivação ao tratamento, consciência de enfermidade e fantasia de cura* (Aberastury, 1982). Aceitei-a em tratamento e combinei com os pais que os veria com a frequência de uma vez por mês, ocasiões estas em que pudemos trabalhar suas dificuldades em aceitar e tolerar a independência da filha. Com a evolução, estes encontros ficaram bem mais esporádicos. As sessões seguiram e Maria Fernanda mostrou evolução considerável em pouco tempo: Voltou à escola - e mostra bastante prazer em frequentar as aulas até hoje - retomou o crescimento físico e largou a chupeta e a mamadeira definitivamente.

Os pais enfrentaram séria crise financeira e estavam com dificuldade em pagar o tratamento; soma-se a isto a inconveniência de todas as melhoras que havia apresentado, já que - conforme assinalado - ajudá-la a crescer é aumentar as resistências em relação ao tratamento, devido a grandes frustrações com a maior independência da filha. Tal situação determinou um impasse: Os pais pareciam

“boicotar” a terapia e, por mais que isso estivesse sendo trabalhado, mostravam-se mais e mais resistentes. Decidi interromper o tratamento de Maria Fernanda momentaneamente. A preocupação foi preservar o tratamento da menina, pois temia que atacassem esse espaço de tal maneira que se tornasse impossível sua continuidade em noutro momento. Ademais, preocupei-me também em manter na fantasia da menina o registro da experiência construtiva e proveitosa que tivemos, evitando que a terapia involuísse para um final traumático e inevitável. Trabalhei no sentido de fazer os pais compreenderem suas dificuldades em tolerar a melhora e, assim, acertamos em retomar o tratamento em um outro momento, quando estivessem mais estabilizados financeiramente. Na verdade, cabe a reflexão de se a indicação, desde o começo, não era vincular, também. Apesar do propósito técnico desta interrupção, avalio *a posteriori* que possivelmente me encontrava contra-identificada com a resistência dos pais em dar continuidade ao processo de independência da menina. Além disso, certamente, todas as melhoras podem indicar apenas a parte sobreadaptativa da menina, que opera como *false self* atendendo às demandas das pessoas que a rodeiam, em detrimento da sua própria autenticidade. Tal hipótese também pode ser levantada com base no seu comportamento “sedutor” (e talvez reativo): É extremamente carinhosa e afetuosa com os pais e comigo; produz abundante material associativo nas sessões, responde brilhantemente às interpretações e parece fazer considerável esforço para ser ótima paciente e “dar” à terapeuta sessões extraordinárias. Isso foi trabalhado, mas não houve tempo suficiente para produzir alterações efetivas na paciente e sedimentar os pequenos *insights* conquistado neste sentido.

Numa sessão ocorrida na semana anterior ao seu aniversário, Maria Fernanda estava brincando de massinha de modelar como fazia com muita frequência. Segue abaixo um fragmento desta sessão:

P: Tive uma idéia! Vamos fazer uma cobra bem grande, nós duas?

T: Claro! Como podemos fazer?

P: Eu faço uma parte e tu fazes outra, depois a gente junta as duas.

T: Pode ser.

Começamos a enrolar a massinha, de forma que ficasse com a forma cilíndrica de uma cobra. Enquanto a minha cobra aumentava de tamanho à medida que eu enrolava, a de Maria Fernanda se despedaçava e não conseguia ganhar formato.

P: A minha cobra está com um problema.... Ela não consegue crescer, fica se despedaçando ao invés de crescer como a tua...

T: Eu acho que ela deve estar um pouco assustada, não consegue crescer sozinha. Ela está precisando de ajuda, alguém que a ajude a ficar maior. Quem sabe ela não precisa da minha ajuda?

P: Eu acho que sim.

Ela me entrega a cobra para que eu “a conserte”. Trocamos de massinhas: ela ficou com a minha cobra inteira e eu fiquei com a dela, despedaçada. Ao mesmo tempo em que fui enrolando e dando formato à cobra de Maria Fernanda, ela fez com que a minha se despedaçasse.

P: Sabe, Marina? Eu acho que o problema deve estar em mim mesmo, não na massinha. As massinhas que ficam comigo se despedaçam o tempo todo.... Vou tentar colocar menos força, não apertar tanto.

Apertou a massa em um bolo e começou a fazer outro rolinho, desta vez com menos força. Conseguiu dar um formato, mas o rolinho ficou mais redondo e menos cilíndrico.

P: Olha só o que aconteceu agora: Ela não está crescendo!

T: E por que será que isso está acontecendo?

P: Não sei... Antes ela crescia e se despedaçava, agora ela não consegue crescer e fica assim, sempre pequena. O que será pior?

Esse fragmento de sessão ilustra com perfeição a problemática da opção entre crescer e se “despedaçar” (perder a sua integridade) ou atender ao desejo dos pais e ficar para sempre pequena. Por isso, apesar da possível significação fálica da cobra, da vivência edípica - impedindo os pais de ficarem sozinhos no quarto à noite - das fantasias em relação à cena primária, dos conflitos com a feminilidade e do simbolismo anal da *geleca* e das *massinhas* - relacionados com o precoce controle esfinteriano (interpretados noutro momento do tratamento). Acreditei que o ponto de urgência era justamente o medo de crescer, inclusive pela situação do aniversário e toda a concretude da passagem do tempo que esta data celebra. Optei, portanto, por abordar apenas este aspecto no recorte deste trabalho, mas não desmereço ou desconsidero a relevância das demais conflitivas no tratamento.

A opção por não crescer

Além da opção por não crescer, Maria Fernanda e Peter Pan padecem de sofrimento semelhante. Assim como Peter Pan, ela faz questão de manter a exclusividade da relação com seus pais, e não tolera a idéia de dividir o amor destes com outra criança. Chegou a verbalizar numa sessão o quanto luta para se manter como filha única. Na sua fantasia, se decepcionar os pais e não responder aos desejos destes, eles tratarão de ter outro filho para colocar em seu lugar. Maria Fernanda não cresce porque acredita que assim garante o amor e a exclusividade dos pais, os quais não conseguem ficar longe do seu “bebê” por muito tempo.

Logo no começo da estória de Barrie, Peter Pan escuta de seus pais os projetos que esperavam dele quando crescesse e, por negar-se a seguir estes planos, foge para um parque e vive com as fadas, as quais o levam à *Terra do Nunca*. Um dia, decide voltar a sua casa, saudosos do que havia abandonado, mas não encontra sua janela aberta esperando por ele. Pela janela fechada, ele vê um outro bebê em sua cama e percebe que seus pais o haviam substituído e esquecido. Ressentido, opta por não crescer e volta a sua terra imaginária (Corso e Corso, 2005), onde se passa a maior parte do resto da estória. Na fantasia de Maria Fernanda e Peter Pan, tornar-se independente dos pais significa abrir margem para uma substituição, para o aparecimento de um “outro bebê”, como se deparou Peter Pan quando retornou aos pais depois de provar a si mesmo que podia se separar.

Ademais, assim como no tratamento de Maria Fernanda, a estória de Peter Pan enfoca o drama do crescimento, mais do que a vivência da sexualidade infantil entre Peter Pan e Sininho. Wendy, simbolicamente no papel de mãe na estória, fechava o terceiro vértice na triangulação edípica. Mas Barrie optou por não aprofundar esse enredo, deu pinceladas sutis apenas com a finalidade de dar notícias ao leitor de que sabia que a sexualidade infantil também faz parte desta

história. Talvez seja justamente para evitar enfrentar-se com a sexualidade que estas crianças tenham feito a opção por não crescer.

Pode-se especular que o Capitão Gancho seja um pai castrado e castrador que, mutilado pela perda de um membro, o substituiu com uma ferramenta que amedronta quem o desafia. Será esse o modelo de pai de Maria Fernanda? Será essa a causa de sua fobia escolar? Abandonar a infância representa abandonar a bissexualidade infantil, significa aceitar a própria castração para assim resolver sua conflitiva edípica (Freud, 1905). No pano de fundo do tratamento e da estória também se encontra a pergunta: É possível elaborar uma vivência edípica com um pai tão ameaçador? Talvez seja mais fácil negar a existência da sexualidade, permanecendo eternamente na suposta ingenuidade da infância. Ademais, também parece necessário perder o pai para a mãe, separar adultos de crianças, para a elaboração da situação edípica. Maria Fernanda vence a mãe todas as noites, quando consegue trazê-la para o seu quarto e separá-la do pai; triunfa também quando “*não fica com pessoas que não sejam os pais*”, impossibilitando que constituam um “*casal conjugal*” e não apenas um “*casal de pais*”.

Será que Peter Pan não teria mais chances de crescer se tivesse perdido a batalha final para o Capitão Gancho? A derrota não teria feito com que se apercebesse das limitações da infância? Não teria gerado o desejo de ser “grande” para poder, então, ganhar a batalha ou lutar em melhores condições? São especulações que fazemos a fim de traçar um prognóstico e uma saída para a patologia de Maria Fernanda.

É claro que Maria Fernanda já atingiu a etapa edípica com prejuízos anteriores e, portanto, seria de se esperar que apresentasse complicações nesta fase. Maria Fernanda sente-se invadida pelos pais, não pôde dar expressão ao seu desejo porque precisou complementar a patologia dos pais. A sub-fase de *separação-individação* foi vivida, possivelmente, como extremamente ameaçadora para os pais, os quais parecem não ter conseguido abandonar a relação narcísica mãe-bebê.

Numa ocasião, Maria Fernanda contou-me com muita tristeza que sua mãe iria lhe cortar os cabelos para que ficassem como os dela, porque achava bonito mãe e filha terem o mesmo corte de cabelo. Peter Pan não tem sombra porque não existe como um ser inteiro, discriminado, capaz de projetar a própria imagem. Maria Fernanda padece da mesma dor, vive para ser o duplo da mãe e ainda não conseguiu ter vida própria.

Outro dado interessante da estória é o fato de não ter meninas na *Terra do Nunca*. Os habitantes desse lugar mágico são os *Meninos Perdidos*, ao passo que as únicas personagens femininas mencionadas na estória são as fadas. Os conflitos com a feminilidade mostravam-se evidente no tratamento de Maria Fernanda, onde se desenvolvia um caráter histérico cada vez mais consolidado. As fadas não são “*castradas*”, não têm limitações - com seus poderes extraordinários de fazer crianças voarem - e parecem lidar com este estereótipo de “*supermulheres*”. A luta de Maria Fernanda por se tornar independente dos desejos alheios também justifica sua procura por esta terra de fantasias:

“Peter Pan não se recusa a crescer apenas porque ser criança é bom, na verdade, ele se nega a realizar esses papéis todos [impostos pelos pais]. É como um bebê que aprende a dizer não e prazerosamente descobre que tem

poder para pôr um limite no assédio e nas demandas de que é objeto, dizendo “não” a tudo que lhe é solicitado. Por isso, a Terra do Nunca pode ser também o refúgio³ dos que não querem ser médicos, advogados, modelos, corredores de Fórmula 1, artistas ou jogadores de futebol famosos, dos que se recusam a empreender a corrida pela realização dos sonhos dos pais” (Corso e Corso, 2005, p 231).

O falso self como refúgio

Winnicott, em 1960, descreve o conceito psicanalítico de *falso-self* e o relaciona com sentimentos de vazio, futilidade, inquietação, irritabilidade e não-existência. Para ele, o *falso-self* é uma proteção do *verdadeiro-self*, que não pôde ter vazão em virtude do terror sentido em experimentá-lo. A possibilidade de entrar em contato com o *verdadeiro-self*, com o que lhe é mais autêntico, é sentida como potencialmente aniquiladora e o paciente deforma sua representação de si mesmo de maneira que vá ao encontro da demanda e das expectativas do outro. Uma das hipóteses para a fobia escolar de Maria Fernanda e sua fuga para a *Terra do Nunca* é abordada por Winnicott em “*Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self*”.

“Ao invés de objetivos culturais, observam-se em tais pessoas extrema inquietação, uma incapacidade de se concentrar e uma necessidade de colecionar ilusões da realidade externa, de modo que a vida toda do indivíduo pode ficar cheia de reações a essas ilusões.” (Winnicott, 1960/1983, p 137).

A personalidade *falso self* funciona como um ator que despende esforço constante para encobrir sua verdadeira identidade, deixando o *verdadeiro-self* tão oculto que

“a espontaneidade não é um aspecto das experiências vividas (...). O aspecto submissão se torna o principal, com a imitação como uma especialidade” (ibidem, p 134).

Esse conceito dá conta também das constantes manifestações corporais do conflito de Maria Fernanda nos últimos meses de tratamento; apresentava dores de garganta e cabeça “*inexplicáveis*”, dificuldades na visão que diversos oftalmologistas não conseguiram diagnosticar, bem como febres e gripes constantes. Os médicos salientavam a necessidade de terapia por não encontrarem causas somáticas para os problemas. O possível caráter histérico conversivo também se encontra em Winnicott:

“Quando um falso self se torna organizado num indivíduo que tem um grande potencial intelectual, há uma forte tendência para a mente se tornar o lugar do falso self, e nesse caso se desenvolve uma dissociação entre a atividade intelectual e a existência psicossomática” (Winnicott, 1960/1983, p 132).

³ O grifo é meu.

Maria Fernanda parece, então, ser escrava do meio onde vive e tem a função - conscientemente manifesta pelos pais - de reparar seus temores e frustrações narcísicas. Ela tem um pai que não admite a passagem do tempo e uma mãe que não tolera sua discriminação; sua forma de "curá-los" seria justamente parando o tempo e permanecendo um bebê, agradavelmente submissa a estes anseios. Seus impulsos reparatórios individuais estão relacionados tanto a sentimento de culpa pessoal - culpa por crescer e desapontá-los - quanto aos sentimentos de culpa ou ao estado de espírito depressivo de seus pais - que se apercebem do despropósito de seus desejos. Decerto estes pais não conseguiram elaborar suficientemente bem seus lutos com a própria infância e, por isso, impossibilitam que a filha o faça. Maria Fernanda não é apenas uma filha para eles; representa a criança que cada um foi e ainda não conseguiu deixar de ser, representa a continuidade deles no tempo e no espaço - desmentindo a morte e a passagem do tempo - e representa a possibilidade presente de reparar suas relações com seus pais do passado.

Em "*Reparação Relativa à Defesa Organizada da Mãe contra a Depressão*" (1948), Winnicott descreve um tipo de paciente que muito se assemelha ao caso descrito aqui:

"Trata-se de uma criança particularmente adorável, e muitas vezes com um talento acima da média. Se for uma menina, faz sempre questão de vestir-se de modo atraente e bem-arrumado. O ponto central sobre ela é sua vivacidade, que instantaneamente contagia quem está com ela, fazendo com que nos sintamos mais leves" (Winnicott, 1948/2000, p157).

"No caso típico da menina que descrevi, a necessidade da mãe de ajuda para enfrentar a morte e a escuridão dentro de seu mundo interno é respondida pela vivacidade e pelo colorido da criança" (ibdem, p159).

Maria Fernanda é encantadora, incrivelmente feliz e vivaz; suas sessões são divertidas, seu brinquedo é criativo e seus desenhos, claro, muito coloridos. Isso tanto pode representar suas respostas às reparações da depressão materna, quanto pode ser indício de uma imensa capacidade em lidar com as adversidades do meio - o atual conceito de "*resiliência*" - e indicativo de bom prognóstico.

A fobia escolar

É de notar que Maria Fernanda começou a manifestar queixas somáticas depois de cerca de dez meses de tratamento, quando já estava conseguindo ficar na escola desde o início do ano letivo. Mellita Sperling (1980) levanta a hipótese de que as fobias escolares estão geralmente associadas a somatizações, "*pois crianças doentes não vão à escola*". Essa autora trabalha com a noção de uma fobia pré-edípica - diferente da postulada por Freud ao interpretar o pequeno Hans (1909) - relacionada com a ansiedade de separação e com a etapa sádico-anal de desenvolvimento, que possibilita a separação ativa, pelas conquistas motoras da criança. Talvez as queixas somáticas possam ser meros deslocamentos da fobia não bem tratada ou tratada apenas parcialmente. De acordo com Sperling, ela

apresenta fobia escolar induzida, isto é, *o sintoma está a serviço do desejo dos pais em manter o filho dependente*. O fator dinâmico encoberto é a incapacidade de aceitar a separação, tanto por parte dos pais quanto da criança. O acontecimento representa a ameaça de uma separação violenta, e para a menina predisposta à fobia por sua fixação ao nível sádico-anal, tem o significado de morte iminente - dos pais ou de si mesma.

Nesse sentido, a autora faz uma relação entre fobia escolar e luto.

“O temor que experimenta o paciente fóbico é o temor à morte. O acontecimento precipitante pode ser a enfermidade ou a morte, verdadeira ou temida, de um pai ou uma pessoa que inconscientemente representa uma figura parental; também uma enfermidade, um acidente ou uma intervenção cirúrgica sofrida pela criança, que tem para ela a significação de haver escapado por pouco da morte” (p120).

Acredito que, de alguma forma, essa fantasia de morte está contida na patologia de Maria Fernanda. Pela simbiose materna, as separações e discriminações são vividas por ela e pela mãe como perdas, como aniquiladoras para a saúde da personalidade. Ademais, o avô de Maria Fernanda – com quem tinha uma relação bastante próxima – adoeceu na época que entrou na escola pela primeira vez. O avô sofreu um acidente vascular cerebral que o deixou seriamente debilitado, chegando a não reconhecer a neta. Apesar dela nunca ter mencionado este fato em sessão, acredito que deve ter tido influência no desenvolvimento de sua fobia.

Há também relação evidente entre *“não crescer”* e fobia escolar. Uma criança que quer parar o relógio no próprio corpo - não ganhando altura - certamente vai querer pará-lo também no seu comportamento, negando-se a fazer parte do *“mundo dos grandes”*. Adquirir conhecimento é adquirir autonomia, é conquistar poder intelectual para entender seu sofrimento – tudo o que o falso *self* tanto quer evitar o contato. Suas conflitivas com sua feminilidade também denotam dificuldade em elaborar o luto pela bissexualidade infantil e construir, a partir dele, uma identidade feminina satisfatória. O luto pela primeira infância, tão evidente em Peter Pan, aqui também não foi elaborado.

Comentários finais

Já que todo processo evolutivo está marcado por *microlutos* (Knobel e Aberastury, 1981, p36), parece óbvio que a criança que não consegue elaborar tais lutos não vai muito longe no seu desenvolvimento. A opção por não crescer fala de uma escolha, e toda vez que se opta por algo deve-se também elaborar o luto pelas opções que se deixou para trás. Quando escolhe ficar para sempre na infância para não precisar abrir mão de suas regalias, está abrindo mão das regalias da adolescência e da vida adulta, sem perceber a magnitude do que está deixando de conquistar.

“Os que se resignam a crescer também se conformam à sua futura mediocridade; por mais que façam, serão fadados a ser mais um dos adultos que ficam devendo diante de tudo o que poderiam ter sido na vida. No nosso

tempo, crescer está associado a perder, não há mais tanto prestígio na condição adulta. (...) A Terra do Nunca representa a angústia dos que não conseguem crescer, é a lembrança que a infância deve ser passageira e se não o for poderá funcionar como um pesadelo do qual não conseguimos acordar” (Corso e Corso, 2005, p231).

É desse pesadelo que a terapia se preocupou em acordar Maria Fernanda e seus pais. Possibilitar e aceitar o encontro com suas limitações, com suas imperfeições, parece ser a forma de fortalecer o *verdadeiro-self*. Crescer é duríssimo, mas é também libertador. Maria Fernanda segue “*tropeçando*” porque é assim que se aprende. Segue com dificuldades no seu desenvolvimento, porque é assim que se cresce. A terapia parece ter tido a função de ajudá-la a ver que a passagem da infância à idade adulta não precisa ser uma perda e uma tragédia, mas um ganho e uma libertação.

Referências bibliográficas

- ❖ ABERASTURY, Arminda. Psicanálise da Criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- ❖ BARRIE, James Mathew. Peter Pan e Wendy. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.
- ❖ CORSO, Diana e CORSO, Mario. Fadas no Divã. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- ❖ KNOBEL, Mauricio e ABERASTURY, Arminda. A Síndrome Normal da Adolescência. Adolescência normal – um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ❖ SPERLING, Melitta. Fobia escolar: clasificación, dinámica y tratamiento. Psicoterapia del niño neurótico y psicótico. Buenos Aires: Horme, 1980.
- ❖ WINNICOTT, Clare. Transtorno Psicossomático (1964). Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- ❖ WINNICOTT, Donald. A Reparação Relativa a Defesa Organizada da Mãe contra a Depressão (1948). Da Pediatria à Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- ❖ _____. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self* (1960). O Ambiente e os Processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

Agradecimentos

Meus agradecimentos ao professor Roberto Graña pela sugestão do conteúdo teórico que embasou a compreensão clínica.

Endereço do autor: marinagastaud@hotmail.com